

GUILHERME CARDOSO

CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa (CML)

guilherme.cardoso@cm-lisboa.pt

AS NECRÓPOLES ROMANAS/VISIGÓTICAS
DE MIROIÇO E ALCOITÃO (CASCAIS)

“Conimbriga” LVII (2018) p. 169-216

https://doi.org/10.14195/1647-8657_57_5

RESUMO: Dezoito sítios arqueológicos com cronologia datada do período romano / visigodo foram identificados entre 1880 e 2003 no município de Cascais. Duas das necrópoles encontradas foram escavadas em 1999 e 2001, localizando-se uma em Miroiço (Manique) e outra em Alcoitão. Na necrópole de Miroiço foram encontradas 33 sepulturas. Entre elas, havia um túmulo de incineração com uma cronologia arqueológica do Alto Império, enquanto as restantes datam de entre o Baixo Império e o período Visigótico ou, possivelmente, o período Islâmico. A necrópole de Alcoitão, escavada inicialmente por F. de Paula e Oliveira (1889) e, novamente, em 1999, na qual foram identificadas 37 sepulturas, foi utilizada desde o final do Império Romano até ao período visigodo.

PALAVRAS-CHAVE: necrópoles; incineração; inumação; Império Romano; Período Visigótico.

ABSTRACT: Ten archaeological sites with chronologies dated to the late Roman/Visigoth period were identified between 1880 and 2003 in the actual territory of the municipality of Cascais. Two of the necropolises found were excavated during 1999 and 2001, located one at Miroiço (Manique) and the other at Alcoitão. At the necropolis of Miroiço 33 graves had been found. Among them, there was an incineration tomb with an archaeological chronology of

Conimbriga, 57 (2018) 169-216

the early Roman Empire, while the others are dated either from the late Roman Empire and Visigoth period or, maybe, just a few to Islamic times. Otherwise, accordingly to the papers of F. de Paula e Oliveira (1889) and our own excavations of 37 graves of the necropolis of Alcoitão, we were able to define a chronological interval from the late Roman Empire up to the Visigoth period to these graveyards.

KEYWORDS: necropolis, incineration; inhumation; Roman Empire; Visigoth period.

AS NECRÓPOLES ROMANAS/VISIGÓTICAS DE MIROIÇO E ALCOITÃO (CASCAIS)

Introdução

No concelho de Cascais foram identificados, entre 1880 e 2003, dez sítios arqueológicos com sepulturas do período tardo-romano / visigótico: Meroeiras, 1880; Murches, 1880; Casais Velhos, 1948; Talaíde, 1975; Freiria, 1989-1999; Casal do Clérigo, 1999; Miroiço de Manique, 1999; Alcoitão, 2000; Vilares, 2001 e 2002; e Caparide, 2003.

Dois deles foram alvo de trabalhos arqueológicos em 1999 e 2001: as necrópoles de Miroiço (Manique) e de Alcoitão (Fig. 1). Verificou-se que a mais antiga destas necrópoles era a de Miroiço, com 33 sepulturas, uma das quais de incineração, datável do Alto Império, com continuidade no Baixo Império até, possivelmente, ao período Islâmico. Por sua vez, tudo aponta, através dos dados que recolhemos durante a escavação que realizámos em 1999 e dos que foram publicados por Francisco de Paula e Oliveira em 1889, que a necrópole de Alcoitão, com um total de 37 sepulturas, abranja os períodos do Baixo Império e Visigótico.

A Necrópole de Miroiço¹

A necrópole de Miroiço localiza-se a cerca de 50 metros a sul das últimas casas do Bairro dos Miroiços, Manique de Baixo, freguesia de S. Domingos de Rana, concelho de Cascais.

¹ Responsáveis pela escavação: Guilherme Cardoso e José d'Encarnação, coadjuvados por Lurdes Trindade Nieuwendam. Equipa de escavação constituída por Eurico Sepúlveda, José A. Severino Rodrigues e António Fialho; Alexandre Trindade Nieuwendam; André de Jesus de Oliveira Cardoso; César Sanchez Cardoso;

Estendia-se por magros terrenos agrícolas – o chamado *Rossio dos Moços* –, que bordejam, a nascente e poente, o antigo caminho rural que ligava a antiga *villa* romana de Miroiço a Manique, cobrindo parte do planalto e da suave encosta virada a poente, sobranceira à margem esquerda da Ribeira de Caparide, na cota dos 86 metros.

A jazida assenta em terrenos calcários, margas e argilas do “Belasiano”, do período Cretácico (RAMALHO *et alli*, 1981), muito alterados à superfície, devido à agricultura e exposição ao desgaste pluvial que, através do fenómeno natural da escorrência, acabou por levar a maior parte da terra humosa que cobria o solo, já de si fraco.

A área escavada encontrava-se na zona de protecção dos 50 metros da referida *villa* romana de Miroiço, classificada como Monumento de Interesse Público (Dec. n.º 26-A/92, DR 126, de 1 de Junho de 1992), onde, segundo a lei portuguesa, só é possível construir caso não sejam encontrados elementos arqueológicos que o impeçam. Quando foi solicitada a classificação do local, não se descortinavam quaisquer vestígios arqueológicos à superfície, razão pela qual aqueles terrenos ficaram de fora da área *non aedificandi*.

Após a escavação integral do cemitério, a visão que se tem do mesmo é a de uma série de sepulturas mais ou menos orientadas a oeste-este e norte-sul, delimitadas por esteios laterais e tampas de lajes de calcário (FIGS. 2 e 3: Fotos 1 e 2). Sobressaem do conjunto dois exemplares: um, por se encontrar localizado na primeira propriedade sondada, exterior à área da necrópole (sepultura 28); o outro, por ser de incineração (sepultura 33).

Desta escavação já demos uma primeira notícia no Trabajo de Investigación de Tercer Ciclo, que apresentámos à Universidad de Extremadura (CARDOSO, 2002, 185-187).

Diogo Roquete Salgueiro; Fernando de Almeida; Guilherme de Jesus de Oliveira Cardoso; Gustavo Alexandre dos Santos Mil Homens; José Luís Roquete; Luís Guilherme Cardoso Ferreira; Luís Henrique Cabral Santos; Miguel Sanchez Cardoso; Sérgio Alexandre Rainas Antunes; Sofia Sanchez Cardoso. Registo e estudo antropológico de: Eugénia Cunha, Nathalie Antunes-Ferreira e Carina Pinto Marques. Desenhos de campo de Lurdes Trindade Nieuwendam e de José A. Severino Rodrigues. Desenho de peças de Luísa Batalha e Silvina Silvério. Levantamento topográfico de José António Oliveira.

Tipos de enterramentos encontrados

Incineração

No lado sul do terreno, mais perto da zona onde supomos que estejam os restos arqueológicos da *villa* romana, encontrou-se o único exemplar estruturado de enterramento em depósito secundário, com prévia cremação do defunto: a sepultura 33.

O local do *ustrinum* não foi porém identificado, embora existissem perto da sepultura alguns carvões, à mistura com ossos carbonizados, em contacto com a terra, numa área de 80 cm por 60 cm. Essa mancha abrangia um espaço superior ao da primitiva cista, formado por ortóstatos de calcário rústico local e que teria à volta de 45cm por 25 cm. Aí se encontravam os objectos recolhidos. Foi destruída, certamente, devido às sucessivas lavras efectuadas durante os trabalhos agrícolas.

Integra-se esta sepultura no tipo 3 de Freiria (CARDOSO, 2016: 251, FIG. 179) ou no tipo 2 de Santo André: «cinzas com espólio, num maior ou menor número de peças, mas sem urna associada» (VIEGAS, 1981: 14), se bem que, naquela necrópole alentejana, as sepulturas não tivessem esteios, como no caso da de Miroiço.

No interior da cista identificaram-se: um sestércio, ilegível, do século I ou II d. C. (FIG.12, n.º 4); um fragmento de prego de ferro; fragmentos de dois púcaros de cerâmica comum e restos de um terceiro, do mesmo tipo dos anteriores, mas que não incluímos por não termos a certeza se pertenceria ou não ao contexto funerário. O prego seria da padiola que transportou o cadáver até à pira, enquanto os restantes materiais fariam parte de rituais ligados ao culto dos mortos, tais como a moeda para pagar a Caronte; os púcaros com bebidas para a viagem eram elementos característicos do ritual romano da morte (GONZÁLEZ VILLAESCUSA, 2001: 43, 53-55).

Diga-se, que já anteriormente (1991) tinha sido recolhida, à superfície do terreno, por Vitor Sousa, um fragmento epigrafado de lápide tumular, no terreno anexo, a sul da necrópole da Antiguidade Tardia. José d' Encarnação atribui à epígrafe a datação da segunda metade do século I d. C., identificando o indivíduo ali referido como sendo "*Maritima* (ou *Maritimus*)", um dos primeiros colonos de *Olisipo* (ENCARNAÇÃO, 2012: n.º 488). Para nós será, sem dúvida, uma sepultura de cremação do Alto Império, de um dos antigos habitantes da *villa* de Miroiços.

Inumação

As sepulturas de inumação eram de covacho, com ou sem esteios de protecção, de pedra calcária rústica e alguns blocos aparelhados, nitidamente provenientes de antigos edifícios.

No interior de quinze delas, apenas se encontrou um único esqueleto, em posição de decúbito dorsal, virado a nascente ou a poente.

Doze das sepulturas continham, para além do esqueleto, outros vestígios osteológicos depositados em redução, normalmente junto aos ossos das pernas, cabeça e abdómen. Diga-se que alguns deles, de antigas inumações, estavam no exterior das sepulturas, directamente colocados sobre a tampa.

Transformadas em ossários, três sepulturas; e de outras duas não se conseguiu determinar a tipologia, devido à ausência de restos osteológicos articulados no seu interior, certamente por terem sido limpas, tendo em vista uma posterior reutilização.

Devido ao mau estado de algumas das sepulturas, temos dúvidas quanto à sua tipologia: se são de caixa, com esteios laterais, ou de covacho, sem ortóstatos laterais, visto que estas aparecem normalmente com tampa, por se encontrarem sempre em cotas inferiores, a exemplo das do mesmo tipo, identificadas na necrópole de Talaíde, em 1975. No caso de Miroiço, as sepulturas, como estão mais à superfície, terão sido, possivelmente, despojadas da sua cobertura pelos trabalhos agrícolas.

A maioria das sepulturas do cemitério correspondia ao modelo de caixa de alvenaria seca, constituída por esteios indiferenciadamente colocados na vertical ou na horizontal e cobertos por lajes. Correspondem estas sepulturas ao tipo 1 de Talaíde (CARDOSO e CARDOSO, 1995: 408), excepto as 21, 22, 24 e 29, por serem de caixa de alvenaria argamassada, o que consideramos como a variante A da mesma forma (FIG. 3, n.º 3 e 4).

Estas sepulturas, do tipo 1A, caracterizam-se também por se encontrarem a maior profundidade do que as primeiras e como que dissimuladas sob uma camada de barro colocado por cima, tornando-as difíceis de detectar. Uma delas tinha o fundo forrado de lajes (sepultura 21; FIG. 3, n.º 4) e outra (sepultura 29) de tijoleiras com 42/45 cm x 28,3/29 cm x 4/4,5 cm (FIG. 3, n.º 3).

No tipo 2 – sepultura do tipo covacho, desprovida de ortóstatos laterais, coberta por lajes dispostas transversalmente – incluímos as se-

pulturas 1, 19 e 25, embora tenhamos dúvidas quanto à classificação das sepulturas 4, 7, 30 e 31.

Os corpos não seriam cobertos directamente com terra e, tal como verificámos em Talaíde (CARDOSO e CARDOSO, 1995: 408), pensamos que, nalguns casos, possam ter sido utilizados caixões para transportar os corpos até ao local de inumação, o que parece confirmar-se através do fragmento de prego de ferro encontrado na sepultura 18, a exemplo de achados idênticos na necrópole de Talaíde.

Como é normal neste tipo de cemitérios, para além de um certo alinhamento existente entre as sepulturas, dando a ideia de que eram construídas em fiadas paralelas, havia espaços vazios entre alguns conjuntos, o que sugere a presença de núcleos individualizados, eventualmente pertencentes a uma família ou clã. A hipótese de existirem espaços destinados a indivíduos da mesma família, já foi abordada por Gisela Ripoll López, ao referir-se à disposição das sepulturas, no âmbito do cemitério da Antiguidade Tardia (RIPOLL LÓPEZ, 1989a: 405-407). Quando estudou a necrópole de Alcalá de Henares, voltou ao mesmo assunto (RIPOLL LÓPEZ, 1989b: 454 e 455).

Na impossibilidade de datar todas as sepulturas de inumação e sabendo que algumas se sobrepunham a outras, evidenciando tempos diferentes de construção, é difícil afirmar a existência de uma nuclearização familiar. Isto, pese embora, na planta geral, serem perfeitamente observáveis conjuntos que podem transmitir essa ideia, devido à longevidade deste tipo de necrópole, que pode abranger uma cronologia entre o século IV e os inícios do século VIII, a exemplo do que se verificou na necrópole de Talaíde (CARDOSO e CARDOSO, 1995: 413).

Quanto ao posicionamento das sepulturas, é característica, na região, a orientação O-E (cabeça a poente), sendo mais raras as orientadas E-O (cabeça a nascente), eventualmente mais antigas do que as primeiras². No que respeita às sepulturas orientadas N-S, das quais temos exemplos em Talaíde e na necrópole de Meroeiras, não podemos avançar com nenhuma sugestão de datação, uma vez que se inserem no mesmo período das restantes, tal como se verificou no conjunto, possivelmente familiar, das sepulturas 3, 12, 15, 22 e 30.

² Em Vilares, também no concelho de Cascais, encontraram-se duas sepulturas idênticas, com a orientação E-O, datáveis dos finais do século II d. C., sendo uma de mulher idosa e outra de um jovem.

Inventário das sepulturas

Sepultura 1

Orientada no sentido oeste-este. FIG. 4.

Do tipo covacho, já não apresentava lajes de cobertura. Por se encontrar muito próxima da superfície, a sua zona central foi destruída durante a abertura da vala de sondagem A.

No interior, um ossário com, pelo menos, três indivíduos adultos e um não adulto. Junto aos pés, do lado esquerdo, 16 cardas de ferro (FIG. 14, n.º 11).

Sepultura 2

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 160 cm; largura máxima 49 cm, altura máxima interna 29 cm. FIG. 5.

Do tipo caixa, já não possuía lajes de cobertura. Restaram os esteios da metade inferior, de calcário local, colocados em cutelo. Junto aos pés, a sepultura afunilava e o topo arredondado era constituído por pequenas pedras.

No interior, um esqueleto voltado a nascente, de um adulto do sexo masculino, em posição de decúbito dorsal. Braço direito flectido sobre a bacia, o esquerdo paralelo ao corpo. Ossos de mais um indivíduo adulto e dois juvenis, de inumações anteriores.

Sepultura 3

Orientada no sentido norte-sul. Dimensões: comprimento 184 cm; largura máxima 75 cm; altura máxima interna 54 cm. FIG. 6.

Do tipo caixa, já não tinha lajes de cobertura, devido aos trabalhos de lavoura. Restavam-lhe dois esteios de calcário, um na cabeceira e outro no lado nascente, que tinha servido anteriormente de ombreira de porta. Os poucos ossos recolhidos não permitiram qualquer tipo de identificação. No interior, vestígios de argamassa e de tijolos.

Sepultura 4

Orientada no sentido este-oeste. Dimensões: comprimento 178 cm; largura máxima 42 cm; altura máxima interna 24 cm. FIG. 7.

Do tipo caixa, já não dispunha das lajes de cobertura. Os esteios que restavam eram todos de calcário local.

No interior, o esqueleto de um adulto em decúbito dorsal, voltado a poente, em muito mau estado de conservação. Junto à mandíbula, uma

pequena moeda de bronze: AE 4. Constantino II (?). Anverso: cabeça à direita. Reverso: *Gloria Exercitus*, dois soldados de pé, cada um com sua lança, apoiados nos respectivos escudos; entre eles, um estandarte (FIG. 12, n.º 1). Diâmetro 13 mm; peso 1,3 gr; eixo 6. Em mau estado de conservação.

Sepultura 5

Orientada no sentido este-oeste. Dimensões: comprimento 180 cm; largura junto à cabeceira 63 cm e 36 cm junto aos pés; altura máxima interna 42 cm. FIGS. 3 (foto 5) e 8.

Do tipo caixa, já não possuía lajes de cobertura. Esteios de calcário local, colocados em cutelo, com o nivelamento superior feito através de pequenas lajes dispostas na horizontal.

No interior, um esqueleto voltado a poente, de um adulto do sexo masculino, em decúbito dorsal, com os braços paralelos ao corpo. Sobre o lado direito do tórax, uma moeda de bronze: AE 2. Anverso: busto à direita, ilegível. Reverso: ilegível. Diâmetro 19/20 mm; peso 2,1 gr. Em muito mau estado de conservação (FIG. 12, n.º 2).

Sepultura 6

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: largura máxima 47 cm; altura máxima interna 27 cm.

Do tipo caixa, já sem lajes de cobertura. Esteios de calcário local, colocados em cutelo.

No interior, um esqueleto em posição de decúbito dorsal, virado a nascente; junto aos pés, restos de outra inumação anterior. Criança de sexo indeterminado, idade 2,5-3,5 anos.

Sepultura 7

Orientada no sentido oeste-este. FIG. 8.

Do tipo covacho, não apresentava lajes de cobertura nem esteios.

No interior, voltada a nascente, a metade inferior de um esqueleto em decúbito dorsal do sexo masculino, com mais de 35 anos, mas não idoso, e com cerca de 163 cm de altura. Mãos sobre a bacia.

Ossos de outro indivíduo, junto aos pés.

Sepultura 8

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 167 cm; largura máxima 61 cm. FIG. 11.

Do tipo caixa, mas sem lajes de cobertura. Esteios, de calcário local, colocados em cutelo, faltando-lhe o da cabeceira e alguns laterais.

No interior, um esqueleto adulto, do sexo feminino, em decúbito dorsal, braços ao longo do corpo. Junto aos pés, ossos de outras inumações.

Sepultura 9

Orientada no sentido oeste-este.

Do tipo caixa, já não tinha lajes de cobertura. Os esteios que restavam da estrutura original eram todos de calcário local e encontravam-se na posição vertical. A sepultura foi parcialmente danificada na cabeceira, pela abertura da vala C.

No interior, voltado a nascente, um esqueleto em decúbito dorsal, do sexo feminino, 18-20 anos e 161 cm de altura. Ossos de outros dois indivíduos, um adulto e outro não adulto. Junto às vértebras cervicais, um brinco de cobre (FIG. 14, n.º 4); e junto ao osso pélvico uma fivela de ferro (FIG. 14, n.º 1). A fivela de cinto não era apenas usada por homens, mas também por mulheres. Num catálogo dos anos 80 do século XX, do Landesmuseum Württemberg de Estugarda, na Alemanha, mostram-se fivelas de cinto utilizadas por mulheres, encontradas em sepulturas da Antiguidade Tardia, da região de Estugarda (HASELOFF, *et alii*, s/d, vitrinas 32 e 29).

Brinco de cobre: argola aberta, fragmentada em dois pedaços, com uma das pontas afilada; diâmetro, 15 mm.

Fivela de ferro: rectangular ovalada, ligeiramente estrangulada a meio do aro, de secção circular; altura 33 mm, largura 23 mm.

Sepultura 10

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: largura máxima 40 cm.

Do tipo caixa, faltando-lhe as lajes de cobertura. Esteios de calcário local, postos em cutelo. Faltavam-lhe os esteios dos pés, cabeceira e alguns laterais.

No interior, esqueleto de uma criança com cerca de 8,5-10,5 anos de idade, em decúbito dorsal, voltado a nascente. Braço direito paralelo ao corpo, enquanto o esquerdo cruzava a zona pélvica.

Sepultura 11

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 194 cm; largura máxima 38 cm; altura máxima interna 35 cm. FIGS. 9 e 10.

Do tipo caixa, tinha três grandes lajes de cobertura e outras mais pequenas à volta. Esteios de calcário local, colocados em cutelo, ausentes na cabeceira e aos pés; no do lado norte, dois orifícios de gonzos de porta, a revelar reaproveitamento.

No interior, do lado poente, um amontoado de ossos, entre os quais dois crânios; do lado nascente, junto à rocha de fundo, uma faca e um podão:

- faca de ferro (FIG. 14, n.º 6): lâmina ligeiramente curva, de espigão achatado; comprimento 135 mm, largura máxima 21 mm;
- podão de ferro com aleta e espigão de encabamento achatado, com furo (FIG. 14, n.º 7); comprimento 242 mm, largura máxima 70 mm.

Sepultura 12

Orientada no sentido norte-sul. Dimensões: comprimento 193 cm; largura máxima 63 cm; altura interna máxima 37 cm.

Do tipo caixa, com fundo forrado a pedra, já não possuía lajes de cobertura. Esteios de calcário local, dispostos em cutelo. Em determinada altura, terá sido dividida ao meio, criando duas caixas mais pequenas: a do lado sul com 80 cm de comprimento e 63 cm de largura; a do lado norte, com a mesma largura e 90 cm de comprimento.

No interior da caixa sul, raros restos de ossos de um indivíduo adolescente e de um adulto, enquanto a do lado norte se encontrava repleta de ossos de dois adultos e de um não-adulto. Há ainda a registar a presença de ossos amontoados no exterior da sepultura, pelo lado poente.

Sepultura 13

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 205 cm; largura máxima 44 cm; altura máxima interna 20 cm.

Do tipo caixa, não tinha lajes a cobri-la. Os raros esteios em cutelo que conservava eram de calcário local.

No interior, restos de um esqueleto em decúbito dorsal, voltado a nascente.

Sepultura 14

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 170 cm; largura máxima 46 cm; altura máxima interna 43 cm.

Do tipo caixa, sem de lajes de cobertura. Esteios quase na totalidade colocados na vertical, excepto os dois laterais junto à cabeceira,

pelo lado norte. Sofreu fortes pressões externas, que a esmagaram, provocando deformações devido à deslocação dos esteios.

No interior, um esqueleto de mulher adulta, voltado a nascente, em posição de decúbito dorsal.

Sepultura 15

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 196 cm; largura máxima 74 cm; altura máxima interna 50 cm.

Do tipo caixa, faltavam-lhe as lajes de cobertura. Esteios de calcário local, dispostos em cutelo, faltando-lhe o dos pés e parte dos laterais da face/parede norte. Vestígios de argamassa de cal e saibro a cobrir os esteios sul e da cabeceira.

No interior, o esqueleto de um adulto do sexo masculino, voltado a nascente, em decúbito dorsal, com os braços postados/postos/colocados ao longo do corpo.

Sepultura 16

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 181 cm; largura máxima 44 m.

Do tipo covacho, possuía seis lajes de cobertura, de calcário local.

No seu interior, o esqueleto de um adulto de sexo indeterminado, voltado a nascente, em decúbito dorsal e com os braços paralelos ao corpo.

Sepultura 17

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 140 cm; largura máxima 45 cm; altura máxima interna 26 cm.

Do tipo caixa, não tinha lajes de cobertura. Os esteios, de calcário local, colocados em cutelo, encontravam-se inclinados. Não tinha ortóstatos na cabeceira nem aos pés.

No interior, o esqueleto de um jovem, em posição de decúbito dorsal, virado a nascente, em muito mau estado de conservação, com um amontoado de ossos sobre as tíbias e um crânio ao meio.

Sepultura 18

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 172 cm; largura máxima 54 cm.

Do tipo caixa, já não dispunha das lajes de cobertura. Foi, em parte, aberta no substrato rochoso. Esteios, de calcário local, dispostos em

cutelo, excepto na parte da cabeceira, que foi construída com pequenas lajes. O esteio central norte estava inclinado para dentro.

No interior, voltado a nascente, o esqueleto de um adulto do sexo feminino, em decúbito dorsal, braço esquerdo ao longo do corpo, faltando-lhe o direito. Por cima, um esqueleto de criança, em decúbito dorsal, braços flectidos sobre a bacia. Sobre a criança, no lado esquerdo e aos pés, três crânios. Por baixo do crânio da última inumação, um fragmento de prego de ferro, de secção quadrada (FIG. 14, n.º 10), comprimento 39 mm.

A sepultura encontrava-se muito próxima da superfície, pelo que a ausência das lajes de cobertura e do braço direito do esqueleto poderá dever-se aos trabalhos de lavoura. O jovem que se encontrava sobre a parte anterior do esqueleto feminino seria, possivelmente, seu filho, tal como sugerimos para os que foram identificados na sepultura 6 de Talaíde (inérito).

Os três crânios e os ossos desarticulados que se encontravam junto aos pés, provenientes de inumações anteriores, pertenciam a quatro indivíduos, possivelmente da mesma família, que depois de serem removidos, foram depositados sobre os pés do último cadáver ali inumado. Esta prática ainda hoje é adoptada.

Sepultura 19

Orientada no sentido oeste-este.

Do tipo covacho, já não possuía lajes de cobertura. Do lado sul, a protegê-la, um alinhamento de quatro pequenas pedras, de calcário local.

No interior, um esqueleto voltado a nascente, de criança com cerca de 3,5-5,5 anos, em decúbito dorsal, braços estendidos ao longo do corpo, em muito mau estado de conservação.

Sepultura 20

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 130 cm; largura máxima 38 cm; altura máxima interna 30 cm.

Do tipo caixa, já não tinha lajes de cobertura. Esteios, de calcário local, aplicados em cutelo, faltando-lhe o dos pés; o da cabeceira encontrava-se deslocado para sul.

No interior, voltado a nascente, um esqueleto de criança com cerca de 5,5-6,5 anos, em decúbito dorsal, com os braços postos ao longo do corpo.

Sepultura 21

Orientada no sentido oeste-este, aberta a cerca de 71 cm de profundidade. Dimensões internas: comprimento 191 cm; largura na cabeceira 64 cm; largura aos pés 54 cm; altura 51 cm. FIG. 3, n.º 4.

Do tipo caixa, tinha a tapá-la, na parte nascente, duas grandes lajes de calcário, com as fissuras preenchidas por argamassa; sobre a cabeceira, a cobertura era de pequenas lajes não argamassadas. Toda a estrutura da sepultura foi construída em alvenaria, com lajes argamassadas dispostas na horizontal; o fundo era forrado de lajes.

Após a desmontagem da sepultura, foi observada a seguinte sequência de construção: abertura da cova rectangular, com aplicação de uma camada de argamassa de cal e areia no fundo, para assentamento das paredes de alvenaria; seguidamente, foi levantada a parede norte, a que se seguiu a parede poente, depois a sul, a cabeceira e a parede dos pés; depois aplicaram-se lajes no fundo; por último, após a deposição do defunto, selou-se a sepultura com uma tampa, formada por duas grandes lajes.

A sepultura foi reutilizada mais do que uma vez. Indício disso é o encurtamento a que foi sujeita, através da colocação de um novo esteio, em cutelo, pela parte interior da cabeceira; quando este foi removido, revelou a existência de alguns ossos por debaixo e no reverso, bem como a parede de alvenaria com argamassa da primitiva sepultura, à qual tinha sido encostado. Quando foi aberto o covacho para a construção da sepultura 11, que se sobrepõe parcialmente àquela, foi destruída parte da tampa. Foi reconstruída na área da cabeceira, mas não voltou a ser selada com argamassa, como tinha sido feito primitivamente.

No interior, encontrava-se o esqueleto de uma mulher adulta, em decúbito dorsal, voltado a nascente. Os ossos da zona anterior do corpo estavam remexidos. Do lado esquerdo da cabeceira, um pequeno amontoado de ossos de, pelo menos, dois indivíduos.

Após a remoção das pedras que, na segunda fase, haviam servido de cabeceira, acharam-se alguns ossos por debaixo destas e, a poente, o muro de alvenaria da primeira fase.

Sepultura 22

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 180 cm; largura máxima junto à cabeceira 49 cm e 45 cm junto aos pés; altura máxima interna 35 cm.

Do tipo caixa, foi aberta no substrato argiloso, a 80 cm de profundidade. Parte superior delimitada, a sul, por um pequeno muro, que assentava sobre as duas grandes lajes da cobertura. Paredes de alvenaria, de lajes colocadas na horizontal, consolidadas por alguma argamassa. Paredes centrais abatidas, devido a pressões laterais externas.

No interior, o esqueleto, completamente remexido, de uma mulher jovem, sepultada em decúbito dorsal. Exteriormente, sobre a tampa, alguns ossos dispersos, ao nível da sepultura 12, com a qual confinava pelo lado sul.

Por baixo da tampa, em contacto com os esteios, uma pequena moeda de bronze do Baixo Império: AE 3. Anverso: Helena, cabeça de mulher à direita, com diadema. Reverso: *Pax Publica*. Diâmetro 14 mm; peso 1,1 gr; eixo 12. Em mau estado de conservação (FIG. 12, n.º 3).

Sepultura 23

Orientada no sentido oeste-este.

Do tipo covacho, já não tinha lajes de cobertura. Aberta no solo humoso, junto aos restos de um empedrado. Durante a abertura da vala M, foi parcialmente cortada pelo lado norte.

No interior, um esqueleto adulto do sexo feminino, voltado a nascente, em decúbito dorsal, mão direita sobre a zona pélvica. Junto às vértebras cervicais, fragmento de cavilha de bronze, de secção quadrada, sem cabeça, comprimento máximo 80 mm (FIG. 14, n.º 8).

Sepultura 24

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões internas: comprimento 186 cm; largura na cabeceira 46 cm; largura junto aos pés 30 cm; profundidade 46 cm.

Do tipo caixa, de configuração trapezoidal irregular, já não possuía lajes de cobertura. Paredes de alvenaria, de lajes colocadas na horizontal, ligadas entre si por argamassa, e rebocadas. Dentro da sepultura, várias pedras como que ali tombadas.

No interior, um esqueleto, voltado a nascente, possivelmente de um adulto do sexo feminino, muito danificado, em decúbito dorsal e com os braços dispostos ao longo do corpo.

Sepultura 25

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 210 cm; largura máxima 70 cm; altura máxima interna 36 cm.

Do tipo covacho, restavam-lhe três lajes da cobertura, ligeiramente inclinadas.

No interior, apenas terra, no meio da qual foi recolhido o fragmento de um aro de brinco de bronze, de secção oval (FIG. 14, n.º 3), diâmetro máximo exterior 23 mm.

Sepultura 26

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 171 cm; largura máxima 43 cm; altura máxima interna 17 cm.

Do tipo caixa, já não tinha lajes de cobertura. Restavam dois esteios, colocados na horizontal, do lado sul.

No interior, três esqueletos sobrepostos. O inferior, mais antigo, voltado a nascente e colocado em decúbito dorsal, pertencia a uma criança com cerca de 2,5-3,5 anos; o do meio, igualmente voltado a nascente e colocado em decúbito dorsal, era um esqueleto de adulto do sexo masculino, com ossos longos sobre as pernas e restos de três crânios sobre os pés; por cima, o esqueleto de um jovem com cerca de 14,5-15,5 anos, em posição lateral direita, voltado a nascente.

Sepultura 27

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento 206 cm; largura máxima junto aos pés 28 cm; altura máxima interna 33 cm.

Do tipo caixa trapezoidal, já não tinha lajes de cobertura. Restavam os esteios da metade inferior, de calcário local, dispostos em cutelo. No extremo, junto aos pés, a sepultura afunilava.

No interior, os restos ósseos de um adulto do sexo masculino, voltado a nascente, em decúbito dorsal, membros superiores ao longo do corpo.

Sepultura 28

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões internas: comprimento 204 cm; largura na cabeceira 50 cm; largura junto aos pés 36 cm; profundidade 30 cm. FIG. 3, n.º 6.

Do tipo caixa, já não tinha lajes de cobertura. Esteios de calcário local, colocados em cutelo. Faltavam-lhe os ortóstatos da cabeceira e dos pés. No interior, um esqueleto de mulher adulta, em decúbito dorsal, voltado a nascente, os braços ao longo do corpo. Junto aos pés uma tigela de cerâmica comum, de barro vermelho (FIG. 13, n.º 3): altura 760 mm, diâmetro 150 mm.

Sepultura 29

Orientada no sentido oeste-este. Encontrava-se aberta a cerca de 70 cm de profundidade. Dimensões: comprimento 176 cm; largura máxima junto à cabeceira 71 cm e 51 cm junto aos pés; altura máxima interna 45 cm. FIG. 11.

Do tipo caixa, tinha duas grandes lajes na cobertura, e várias mais pequenas para colmatar as fissuras. Paredes de alvenaria, de lajes de pedra calcária ligadas por argamassa. Fundo forrado com oito tijoleiras de 44 cm x 29 cm x 4,5 cm. Devido às pressões laterais que sofreu, as paredes arquearam para dentro e as tijoleiras ergueram-se ao centro.

No interior, voltado a nascente, um esqueleto adulto do sexo feminino, muito remexido, mas que evidenciava uma posição inicial de decúbito dorsal. No meio da terra recolheu-se um fragmento de haste de alfinete de osso (FIG. 14, n.º 5).

Sepultura 30

Orientada no sentido sul-norte. Dimensões: comprimento 205 cm; largura máxima 41 cm.

Do tipo covacho, não tinha lajes de cobertura. Encontrava-se encostada à sepultura 12, pelo lado poente.

No interior, duas inumações: a primeira, do lado sul, um esqueleto de criança com cerca de 2,5-3,5 anos, em decúbito lateral, pernas flectidas para o lado direito do corpo, olhando o nascente; a segunda, no lado norte, tinha unicamente as pernas e os pés de um indivíduo adulto do sexo feminino, em decúbito dorsal. Existia um ossário de, pelo menos, um adulto e de um não-adulto; um crânio encostado à cabeceira.

Sepultura 31

Orientada no sentido oeste-este. Dimensões: comprimento máximo 210 cm; largura máxima 44 cm; altura máxima interna 20 cm.

Do tipo caixa, já não possuía lajes de cobertura. Dos esteios laterais, apenas restava um, de calcário, do lado sul, junto aos pés; do lado oposto, pedras pequenas.

No interior, os restos da parte inferior do esqueleto de um adulto do sexo masculino, em decúbito dorsal, voltado a nascente, com três crânios sobre os pés.

Sepultura 32

Orientada no sentido oeste-este.

Do tipo caixa, já não tinha lajes de cobertura. Dois esteios de calcário, em cutelo, do lado norte e junto aos pés.

No interior, amontoados junto aos esteios, restos de esqueletos de, pelo menos, dois indivíduos.

Sepultura 33

De incineração. Dimensões: comprimento 80 cm; largura máxima 60 cm.

Do tipo caixa, verificou-se a ausência de lajes de cobertura, levadas pelos trabalhos de lavoura. Restavam-lhe dois pequenos esteios em cutelo, no canto nordeste. A mancha de cinzas e carvões distribuía-se no sentido este-oeste.

No interior, ossos queimados, carvões; fragmentos de dois púcaros de cerâmica, de duas asas, sendo um de pasta clara e outro de pasta vermelha (FIG. 13, n.^{os} 1 e 2); fragmento de um prego de ferro (FIG. 14, n.^o 9), com 49 mm de comprimento. E ainda uma moeda de bronze muito gasta: asse, século I-II d. C.; anverso: busto à direita, ilegível; reverso: ilegível; diâmetro 27 mm; peso 8,7 gr (FIG. 12, n.^o 4).

Estudo osteológico

Transcreve-se parte do relatório preliminar feito pela antropóloga Nathalie Antunes Ferreira, que procedeu à exumação da maioria dos esqueletos:

“O número mínimo de indivíduos estimado para a necrópole (sem ter em conta o número de indivíduos das sepulturas 7 e 9) é de 53 indivíduos, nomeadamente 15 não-adultos, 35 adultos e 3 indeterminados. Se contabilizarmos a sepultura 25, que se encontrava vazia, teremos 54 indivíduos. Temos 8 esqueletos imaturos e 21 esqueletos de adultos individualizados.

Relativamente aos indivíduos adultos, efectuámos a diagnose sexual para 18 indivíduos; destes, 11 foram considerados femininos, 7 foram diagnosticados como indivíduos do sexo masculino e 3 como indeterminados. Apenas estabelecemos a diagnose sexual para os esqueletos articulados ou parcialmente articulados; para o resto do ossário é necessária a aplicação de uma metodologia mais complexa, que apenas pode ser efectuada em laboratório.

Ao nível da altura dos indivíduos, pode adiantar-se que uma jo-

vem mulher media cerca de 1,61 m, enquanto um homem, com cerca de 35 anos, 1,63 m aproximadamente”.

Embora ainda não tenha sido completado o relatório osteológico, observou-se, durante os trabalhos de escavação, que alguns esqueletos adultos apresentavam indícios de espondilose, doença que, ainda hoje, é comum na região.

Posteriormente, foi realizado um segundo relatório antropológico em gabinete, pela antropóloga Ana Silva. Foram incluídos os dados das sepulturas que a Professora Dr.^a Eugénia Cunha exumou quando, em 1999, esteve na necrópole de Miroiços, antes da antropóloga Nathalie Antunes Ferreira assumir a escavação dos enterramentos. Os dados então apresentados (ainda inéditos, espera-se futura publicação dos mesmos) apontam para um mínimo de 77 indivíduos, sendo 49 adultos e 28 não adultos (SILVA, 2003).

Artefactos

Moedas

Das quatro moedas provenientes de sepulturas, só uma foi cunhada no Alto Império: a recolhida na sepultura 33, de incineração; todas as outras datam do Baixo Império. Qualquer uma delas possuía baixo valor facial, mesmo o asse do século I ou II d. C. que, devido a apresentar-se bastante gasto, deveria já estar fora de circulação quando foi enterrado conjuntamente com as cinzas do morto (FIG. 12, n.º 4).

Dos três numismas recolhidos nas sepulturas de inumação, um estava entalado entre a tampa e os ortóstatos da sepultura 22 (FIG. 12, n.º 3); outro na sepultura 4, junto à mandíbula do sepultado (FIG. 12, n.º 1); e o terceiro na sepultura 5, depositado sobre o lado direito do tórax (FIG. 12, n.º 2).

Nota-se que não existia uma posição definida para a colocação das moedas junto aos cadáveres, o que podemos confirmar através de achados idênticos, da mesma época, que conhecemos de Cascais e de Sintra. Como exemplo, citamos as duas sepulturas que continham moedas colocadas sobre o tórax do falecido, na *villa* de Vilares³, uma outra

³ Inédita.

sepultura da necrópole de Talaíde, com três moedas postas sobre o lado direito do abdómen (CARDOSO e CARDOSO, 1995: 410), e uma outra na *villa* de Casais Velhos, que apresentava uma moeda, da qual, porém, desconhecemos a posição original em que se encontrava (CASTELO BRANCO e VEIGA FERREIRA, 1971: 13).

Por sua vez, a moeda recolhida na sepultura B de Magoito devia encontrar-se numa das mãos, por estar junto de um metacarpo (SOUSA, 2000: 386).

Vasos de cerâmica

Para os púcaros da sepultura 33, de incineração (FIG. 13, n.º 1 e 2), encontramos paralelos em Nolen (1985: 71-72, n.º 170 e 172), tipo 2b, datados da 2.ª metade do século I, inícios do século II d. C.; e em Monte Farrobo, no n.º 1 da sepultura 17, que Alarcão atribui à mesma data (ALARCÃO, 1974b: 20). Por sua vez, M.ª Sánchez, na sua divisão formal para as peças de cerâmica comum de Mérida, inclui um modelo de púcaro muito semelhante ao nosso exemplar n.º 1, no seu tipo II, datando-o da época dos Flávios – inícios do século II (SÁNCHEZ, 1992: 56 e 57, n.º 72). Entretanto, na necrópole da *villa* romana de Freiria, o mesmo tipo de púcaro foi recolhido na sepultura 99.10, em conjunto com uma taça de *terra sigillata* africana clara A, do tipo Hayes 14, datável de entre 150 e 200 d. C. (CARDOSO, 2016: 203, FIG. 175).

Da tigela da sepultura 28 (FIG. 13, n.º 3), encontramos paralelos em *Conimbriga*: peça 678, que Alarcão não data, mas que se pode integrar na chamada cerâmica de Avelar, característica do século V e do período suevo-visigótico (ALARCÃO, 1974a: 110).

Pregos

Para além dos dois pregos de ferro encontrados, respectivamente, nas sepulturas 33 (FIG. 14, n.º 9) e 18 (FIG. 14, n.º 10), possivelmente provenientes de caixões de madeira, recolheu-se um outro prego de bronze, sem cabeça, na sepultura 23 (FIG. 14, n.º 8). A descoberta nada teria de extraordinário, não fora o prego de bronze ter sido recolhido junto às vértebras cervicais do esqueleto: a localização pressupõe que o mesmo estivesse atado a um fio, posto ao pescoço da defunta.

Sabemos que, no âmbito das crenças romanas, os pregos mágicos tinham por finalidade fazer desaparecer certos males (DAREMBERG e SAGLIO, 1887: 1241 e 1242). Por exemplo, uma das doenças que, na Antiguidade, se atribuía a espíritos malignos era a epilepsia. Para mi-

norar o sofrimento das pessoas que padeciam deste mal, era habitual, quando alguém tinha um ataque, espetar um prego no chão, no sítio onde o enfermo tivesse caído.

Seria possível que esta mulher tivesse sofrido de epilepsia e, por isso, tivesse o prego ao pescoço, como forma de exorcizar a doença? O facto de ter sido sepultada do lado oposto do caminho que delimitava a necrópole, poderá dever-se a uma qualquer consideração da sua natureza impura?

Brincos

Foram recolhidos dois fragmentos de brincos. Um encontrava-se na sepultura 9 (FIG. 14, n.º 4), associado aos restos osteológicos de uma jovem de 18-20 anos de idade. Muito danificado, apresentava apenas a extremidade afilada. Falta-lhe o botão, tornando-se impossível caracterizá-lo quanto à tipologia, para além de se saber que é de argola aberta.

O facto de se encontrar isolado não é incomum, pois conhecemos situações semelhantes. Tal é o caso da sepultura 4 da necrópole de Talaíde, onde também foi encontrado um único exemplar de brinco de argola, no lado esquerdo do crânio (CARDOSO, CARDOSO e GUERRA, 1995: FIG. 14, n.º 7/4).

Este tipo de brinco é colocado por Gisèle Ripolli López no nível 2 da sua tabela da Torêutica Visigoda da Península Ibérica, datando-o de entre 480/490 e 525 (RIPOLLI LOPEZ, 1986: 309). No caso de Talaíde, as datações absolutas através de ¹⁴C, da sepultura 12, onde se recolheram três brincos deste tipo, apontam para uma cronologia – para dois sigma – entre 440 e 680 (CARDOSO e CARDOSO, 1995: 413).

O segundo fragmento de brinco foi recolhido na sepultura 25, fora de contexto. É semelhante ao anterior, variando unicamente na secção da argola, que é oval (FIG. 14, n.º 3). Atribuímos-lhe a mesma datação do antecedente.

Alfinete de osso

Este tipo de peça (FIG. 14, n.º 5) perdura durante todo o Império Romano, sendo difícil datá-lo com precisão.

Fivela

Recolheu-se, na sepultura 9, uma pequena fivela de ferro ovalada, ligeiramente estrangulada a meio do aro (FIG. 14, n.º 1). Luis Gil Zubillaga publicou uma fivela de ferro com placa, semelhante, na forma

do aro, à de Miroiço, proveniente de uma sepultura de Guereñu, datando-a do século VII (GIL ZUBILLAGA, 1998: pp. 401 e 402, FIG. 2, 2).

As fivelas de ferro são habituais noutras sepulturas da mesma época, em necrópoles do concelho de Cascais. Na necrópole das Meroeiras – Abuxarda, Francisco de Paula e Oliveira recolheu uma fivela de ferro, a que Andreia Arezes atribuiu uma datação de entre os séculos VII e VIII (AREZES, 2014, vol. II: 113). Em Talaíde recolheram-se duas fivelas de ferro forjado, de maiores dimensões, uma na sepultura 24 e outra na 29 (CARDOSO, CARDOSO, e GUERRA, 1995: 322, FIG. 11, n.º 5).

Alguns autores atribuem a estes modelos de fivelas de ferro a função única de utilização em arreios de cavalos, o que questionamos, pois as fivelas de Cascais estão inseridas em espólio de sepulturas. É o caso de Josep Casas e Josep M. Nolla que, apesar disso, admitem algumas exceções: *“Las hebillas, consideradas unánimemente como pertenecientes a arneses de caballos, y aún admitiendo la posibilidad de algunas de menor tamaño hubieran podido ser utilizadas también en cinturones de persona o para sujetar armas (Burch et alii, 2006: 110-111), tienen siempre la misma forma: rectangulares, aunque de diversos tamaños, a veces con la parte central ligeramente cóncava, robustas y con una larga aguja dispuesta en uno de los extremos cortos, como es lógico.”* (CASAS e NOLLA, 2011: 103).

Podão e faca

No lado nascente da sepultura 11 foram encontrados, sobrepostos, um podão (FIG. 14, n.º 7) e uma faca de ferro (FIG. 14, n.º 6), provavelmente colocados junto aos pés de um dos cadáveres ali sepultados.

Dois podões de aleta recolhidos no castro visigótico de Puig Rom, Espanha, foram datados da segunda metade do século VII, inícios do século VIII, tendo sido sugerida a sua utilização na poda e enxertias de árvores de fruto, entre as quais a oliveira (CASAS e NOLLA, 2011: 87, FIG. 57, n.ºs 4 e 5).

Não é frequente o achado de instrumentos agrícolas; contudo, já na necrópole de Talaíde se havia recolhido uma foíce, na sepultura 14 (CARDOSO, CARDOSO e GUERRA, 1995: 322, FIG. 8 e 10, n.º 12), o que pode relacionar-se com a ceifa do trigo, pois a área oriental do concelho de Cascais foi, ainda até há poucos anos, grande centro agrícola produtor de cereais.

Relacionando-se o podão e a faca com a poda e enxertias estaremos, possivelmente, em presença da sepultura de um camponês que se

dedicaria, entre outros trabalhos, ao cultivo de árvores.

Cronologia

A sepultura de incineração será, certamente, a mais antiga de todas as intervencionadas. Cronologicamente, poderá situar-se entre os finais do século I e os inícios do século III d. C., se considerarmos a datação que possuímos para os púcaros, uma vez que não foi possível datar o numisma, dado o seu desgaste.

A atribuição desta data não será de todo descabida, se atendermos ao facto de que o forno de cerâmica que se encontrava a poucos metros de distância, estaria já desactivado há muito, quando se iniciou a utilização do local como cemitério. Temos ainda a considerar a deposição de lixos domésticos, datável dos finais do segundo quartel do século I d. C. (CARDOSO, 2002).

Quanto às sepulturas de inumação, as dificuldades são maiores, pelo facto de o espólio ser raro e, muitas das vezes, difícil de precisar.

Os numismas dão-nos um *terminus a quo* das inumações onde foram encontrados, mas não conseguimos caracterizar o *terminus ante quem*, devido a desconhecermos se os enterramentos terão ocorrido durante o período oficial da sua circulação ou já fora deste e em que altura.

Como exemplo, temos o caso da sepultura 12 de Talaíde, onde se encontraram três moedas de cobre do século IV d. C. A sua datação através de carbono 14C registou, para 1 sigma, 553-658 cal DC. e, para 2 sigma, 440-680 DC., enquanto alguns dos objectos de adorno apontam para o século VII d. C. (CARDOSO e CARDOSO, 1995: 413). Em qualquer dos casos, a datação da sepultura prolonga-se para além da data de circulação oficial dos seus numismas.

Através das moedas, podemos dizer que o *terminus a quo* das sepulturas 4 e 22 de Miroiço será o final do 2.º quartel do século IV, enquanto que o da sepultura 5 corresponderá aos finais do século IV, inícios do século V.

Em qualquer dos casos, consideramos que não estaremos muito distantes da realidade, se atendermos à posição dos corpos das sepulturas 4 e 5, voltados a poente, o que, a exemplo dos casos da *villa* de Vilares, poderá estar ligado a um costume anterior à implantação do Cristianismo na região ou a casos de paganismo tardio.

Também à sepultura 22 poderemos atribuir uma cronologia mais antiga, tendo em conta que é feita de alvenaria argamassada, o que é raro em necrópoles desta época. O mesmo se aplica à sepultura 21, cujo

método de construção é idêntico. Esta, encontra-se sob a sepultura 11, de esteios em cutelo, que é mais recente e que datará do século VII.

No caso da sepultura 28, a data mais provável poderá ser o século V d. C. ou inícios do século VI, atendendo à tipologia da tigela e ao facto de ser uma peça ainda feita à roda e cozida em atmosfera oxidante⁴.

A Necrópole de Alcoitão⁵

Esta necrópole situa-se numa pequena elevação de solo calcário margo, muito erodido, onde a lavoura não se pratica há muitos anos, a cerca de 400 m de distância dos vestígios de uma eventual *villa* romana.

Foi com grande dificuldade que, em 1973, efectuámos a realociação da necrópole de Alcoitão. Depois de vários dias de prospecção nos terrenos envolventes daquela localidade, só foi possível identificar o sítio através das indicações do proprietário do terreno onde se situa. À superfície, ainda eram visíveis os restos de uma sepultura em forma de caixa trapezoidal, delimitada por ortóstatos de calcário (sepultura “A”).

A necrópole foi inicialmente escavada por Francisco de Paula e Oliveira, por volta dos anos de 1886 a 1888, que identificou trinta e quatro sepulturas, a maioria das quais com vários esqueletos no seu interior. Duas delas tinham bilhas junto à cabeceira. Recolheu ainda os seguintes elementos de adorno: um anel de mesa decorada com SSS, encontrado debaixo de um crânio; um outro em fita lisa, que ainda se encontrava numa falange; e três brincos de botão tubular canelado.

Mais tarde, cerca de 1937, uma equipa de antropólogos de Coimbra escavou no local quatro sepulturas, tendo os ossos sido levados em caixas de madeira para transporte de sabão, fornecidas por uma loja de

⁴ A partir do século VI d. C. as peças de cerâmica de produção regional deixaram de ser manufacturadas com o auxílio da roda e passaram a ser realizadas inteiramente à mão e cozidas em atmosfera redutora.

⁵ Responsáveis da escavação: José d’Encarnação e Guilherme Cardoso, coadjuvados por Lurdes Trindade Nieuwendam. Equipa de escavação constituída por Eurico Sepúlveda, Nuno Marques, Alexandre Nieuwendam, Luís Ferreira, Miguel Sanchez Cardoso, André Figueiral Ferreira e Marco Correia. O estudo antropológico foi efectuado por Luís Lopes. Desenhos de campo de Lurdes Trindade Nieuwendam; desenho de peças de Severino Rodrigues e Silvina Silvério. Levantamento topográfico de José António Oliveira.

Alcoitão. Não se sabe se teriam quaisquer tipos de artefactos no seu interior, mas tudo leva a crer que não.

O projecto de construção, por parte da Câmara Municipal de Cascais, da nova Via Longitudinal Norte, que iria passar na área de protecção da necrópole de Alcoitão, levou a que esta entidade, em 1999, solicitasse a realização de sondagens arqueológicas prévias, com vista à análise da viabilidade do traçado proposto para a referida estrada.

Foram escavadas as áreas poente e norte da zona envolvente da necrópole escavada por Francisco de Paula e Oliveira. Na área poente foram descobertas três sepulturas, sendo uma de caixa de ortóstatos de calcário, com tampa, e mais duas de covacho, sem tampa (FIG. 15).

As sepulturas

Sepultura A

Sepultura descoberta na área *non aedificandi*. FIG. 17.

Orientada no sentido oeste-este, é do tipo caixa. Já não tinha lajes de cobertura e faltava-lhe parte dos esteios do lado norte e nascente, de calcário local.

O seu interior encontrava-se vazio e escavado, quando a identificámos, em 1973.

Sepultura B (?)

Sepultura (?) na área *non aedificandi*. FIG. 15.

Depressão no terreno, onde se observam algumas pedras e uma mancha mais escura de terra. Não foi escavada, por não vir a ser afectada pela construção da estrada.

Sepultura 1

Orientada no sentido oeste-este. FIG. 16, n.º 1 e 2, 18 e 19.

Do tipo caixa, com duas lajes de cobertura. Por cima da tampa poente, dois crânios, um de um jovem e outro de um adulto, e mais alguns ossos, todos em mau estado de conservação. Os esteios, de calcário local, encontravam-se colocados em cutelo.

No seu interior, um esqueleto em decúbito dorsal, virado a nascente, de um adulto relativamente idoso, provavelmente do sexo feminino. Encontraram-se também restos dispersos de ossos de um outro indivíduo, provavelmente do sexo masculino, possivelmente caídos do ossá-

rio suprajacente. Neste conjunto, identificaram-se duas crianças, uma provavelmente com menos de um ano e outra um pouco mais velha, bem como ossos de vários adultos, em número indeterminável, entre os quais se destacavam os restos osteológicos de um do sexo masculino (observação geral dos ossos) e não jovem (pelas suturas exo- e endocranianas), possivelmente o mesmo cujos restos também se encontravam no interior da sepultura.

Vestígios também de um outro indivíduo, eventualmente do sexo feminino.

Também se pôde constatar, num conjunto dos ossos da mão, que uma das falanges apresentava um tom verde, que impregnou a superfície (fragmento da extremidade digital), parecendo indicar um contacto prolongado com um artefacto metálico contendo cobre.

Sepultura 2

Orientada no sentido oeste-este.

Do tipo covacho, não tinha lajes de cobertura.

No seu interior, voltado a nascente, a parte anterior de um esqueleto em decúbito dorsal, em muito mau estado de conservação. Tratava-se de um indivíduo jovem, provavelmente do sexo feminino, com cerca de 150 cm de altura. Existiam vestígios de um outro indivíduo adulto, relativamente idoso.

Sepultura 3

Orientada no sentido oeste-este. FIG. 16, n.º 3.

Do tipo covacho, não tinha lajes de cobertura.

No seu interior, um esqueleto voltado a nascente, na posição de decúbito dorsal, em muito mau estado de conservação.

O aspecto geral do esqueleto parecia indicar tratar-se de um indivíduo do sexo feminino, não muito novo, atendendo ao desgaste dentário. Pressupomos que teria uma estatura um pouco superior a 1,52 m.

Cronologia

Para além da configuração dos túmulos identificados na escavação que realizámos, só os materiais recolhidos durante a escavação de Francisco de Paula e Oliveira é que nos poderão ajudar a esclarecer esta questão.

Das duas bilhas guardadas no Museu Nacional de Arqueologia, apenas tivemos acesso a uma delas (FIG. 20, n.^{os} 6 e 7). Foi levantada à roda rápida e encontrava-se no interior de uma sepultura, junto à cabeça. Não encontramos paralelos para este tipo de bilha de uma asa. O fundo cilíndrico destacado do bojo, o ressaltado entre o colo e o ombro e o colo alto, levam-nos a situar a sua produção entre os finais do século IV e os inícios do século VI.

Os três brincos de argola aberta, de liga de cobre e cabeça cilíndrica canelada, são produções comuns, que apareceram em necrópoles dos séculos V a VII (FIG. 20, n.^{os} 3-5).

O anel de bronze apresenta mesa rectangular decorada com cinco “SS” e laterais superiores decoradas com círculos ponteados, ligados por traços (FIG.20, n.^o 1). Gisèle Ripolli Lopez, ao estudar os materiais da necrópole de Abuxarda, integra este anel no século VI (Ripolli Lopez, 1986: 499 e 500). Andreia Arezes é da opinião de que o mesmo pode ser do século VI ou do século VII (AREZES, 2015: 109, n.^o 291). O anel em fita, de liga de cobre, encontrado na falange é, também ele, comum em contextos dos séculos V a VII (FIG. 20, n.^o 2). Diga-se que não conseguimos confirmar ser este o anel de Alcoitão, pois os materiais desta necrópole estão guardados no Museu Nacional de Arqueologia em conjunto com os de Abuxarda e, quando deram entrada no museu foram, na quase totalidade, identificados como sendo provenientes desta última necrópole. Gisèle Ripolli Lopez refere ainda duas fivelas entre as recolhas de Francisco de Paula e Oliveira, o que nos suscita sérias dúvidas, pois aquele antropólogo refere apenas três brincos, dois anéis e dois vasos de cerâmica, como provenientes de Alcoitão. Pelo que não incluímos as fivelas neste estudo, por deverem ser originárias, quanto a nós, da necrópole de Abuxarda.

Quanto às populações a que as necrópoles de Alcoitão e da Abuxarda estariam associadas H. Zeiss foi de opinião de que seriam utilizadas por pequenos núcleos de populações indígenas (1934: 190, lam. 7 e 8), opinião partilhada por Gisèle Ripolli Lopez (1986: 505).

Rituais de enterramento tardo-romanos e visigóticos de Cascais

O concelho de Cascais detém o maior número de necrópoles da Antiguidade Tardia na área portuguesa da Lusitânia, onde foram recolhidos materiais associados a enterramentos.

O costume de enterramento em sepulturas de inumação simples ou delimitadas por ortóstatos, ou em caixas de alvenaria, teve origem durante o século II d. C. ou nos inícios do século seguinte, a exemplo de outras partes do Império Romano (BELTRÁN, 1991: 20). No caso de Miroiço, podemos ver uma continuidade temporal no espaço da necrópole, através da passagem da prática da incineração para a da inumação, mas o mesmo não sucedeu nas outras necrópoles, onde os enterramentos do Baixo Império ocorrem em espaços distintos dos da Antiguidade Tardia.

A orientação dos sepultados era, na quase totalidade, com a cabeça a poente e os pés para oriente, existindo alguns casos em que se verifica a inversão de posição, com a cabeça a nascente. Tal observa também numa sepultura da necrópole do Baixo Império escavada pela empresa Neoépica, no Alto do Cidreira (NETO, REBELO e SANTOS, 2011: 115, FIG. 5). Menos comum é a existência de sepulturas orientadas no sentido norte-sul, como é o caso da sepultura 27 de Talaíde (CARDOSO e CARDOSO, 1995: FIG. 3), de três sepulturas em Miroiço (sepulturas 3, 12 e 30) e de duas outras referidas por Paula e Oliveira, quando escavou a necrópole das Meroeiras, Abuxarda (OLIVEIRA, 1888/92).

No caso das sepulturas em covacho simples, com ou sem tampa, verificou-se que não existem enterramentos sucessivos naquelas sepulturas, enquanto que, nos casos das sepulturas de ortóstatos, se encontram sepulturas individuais reutilizadas, indiciando a prática do uso de jazigos familiares. Teríamos, assim, dois rituais distintos de enterramento: o sepulcro individual e o colectivo, ambos habituais na cultura romana.

Embora as necrópoles de Miroiço, Alcoitão e Abuxarda não sejam disso exemplo, é comum o aparecimento de sepulturas junto a ruínas de habitações abandonadas, que nos atestam que o local deixou de pertencer aos vivos. Contudo, por vezes voltavam a ser habitadas, fenómeno que registámos em Vilares (CARDOSO, MIRANDA e TEIXEIRA, 2009: 339) e que se observou na Quinta da Torrinha, Almada (DIAS, 2013: 73), deixando-nos na dúvida sobre se terá havido uma mudança de paradigma na relação do espaço dos mortos com o espaço dos vivos – os vivos num sítio e os mortos noutra –, ou se estaremos perante casos em que a reocupação do espaço dos mortos se deu por emigrantes que desconheciam a existência de campos no local, ou por membros de outras etnias ou cultos, que não terão respeitado mortos que não eram seus. A proximidade dos cemitérios aos locais de habitação era normal, sucedendo

nalguns casos, inclusivamente, a sua construção sobre antigas ruínas romanas (RIPOLL LÓPEZ, 1989a: 402).

Na *villa* romana de Freiria observou-se que, no meio das ruínas do lagar, datado do Baixo Império, se sepultaram várias crianças de tenra idade (CARDOSO, 2016: 252-268).

Os materiais das necrópoles tardo-romanas e Visigóticas de Cascais (Tabela 1)

Alguns defuntos eram sepultados com pertences e, entre os rituais fúnebres, destacavam-se a oferta, ao morto, de alimento e bebidas para a viagem, bem como da moeda para pagamento a Caronte.

A tabela 1 mostra-nos o número de sepulturas encontradas por sítio e o tipo de peças ali recolhidas. Verifica-se que as duas mais importantes necrópoles já escavadas, foram as de Abuxarda e de Talaíde, uma com mais de 22 sepulturas e a outra com 29 sepulturas escavadas. No caso de Talaíde, estas correspondem, *grosso modo*, a cerca de um terço das sepulturas que existiriam antes da sua destruição pelos trabalhos de urbanização, quer previamente à sua identificação, quer posteriormente, devido a um acto pouco claro dos promotores da obra.

A maioria dos objectos foi recolhida junto de indivíduos do sexo feminino, correspondendo a adornos e elementos de vestuário, ou seja, artefactos que se consideram deposições não intencionais, por oposição às ofertas (CUNHA, 2008: 79). São relevantes os casos dos brincos, anéis, contas de vidro e âmbar e algumas pulseiras com cabeças de ofídios, que evidenciam a existência de uma crença na protecção mágica que o uso desses amuletos exercia sobre as populações indígenas, num contexto regional, mas que também era habitual em necrópoles urbanas da mesma época (BARROCA, 1987).

Mais comum, no Baixo Império, era a colocação de vasilhas nas sepulturas, costume que irá perdurar, ocasionalmente, até ao período Visigótico. Eram maioritariamente utilizadas para conter líquidos, possivelmente vinho, alguns recipientes para sólidos, e duas lucernas, estas do período romano.

A existência de armas e de apliques zoomórficos utilizados na decoração das bainhas dos punhais não foi confirmada nem em Miroiço nem em Alcoitão, mas há registos da sua presença nas necrópoles de Abuxarda, Casais Velhos e Talaíde, onde poderiam, eventualmente, es-

tar associadas a sepulturas de milicianos locais, no seio da sociedade rural do *ager Olisiponensis*.

As ferramentas de trabalho – podão, faca e foice – evidenciam a existência de comunidades rurais dedicadas ao plantio de árvores de fruto e à cultura dos cereais.

Conclusões

Verifica-se que a necrópole de Miroiço é a mais antiga das duas, com um enterramento de incineração efectuado no Alto Império. Nessa altura, utilizaram uma antiga área de ocupação dos finais da II Idade do Ferro, para aí depositar os seus defuntos, ladeando pelo poente um caminho lajeado, de acesso à casa senhorial, situada a cerca de cem metros mais a sul. Houve, certamente, um hiato na utilização da necrópole nesta época, que só voltou a ser utilizada para o mesmo fim, já nos finais do século IV, com sepulturas em que o cadáver era colocado virado para ponte (sepulturas 4 e 5), a exemplo do que encontrámos na *villa* de Vilares, em sepulturas do tipo caixa, delimitadas por esteios dispostos em cutelo e em simples covacho, apenas com tampa a cobri-la, datadas do século II ou III (CARDOSO, MIRANDA e TEIXEIRA, 2009: 339; ENCARNÇÃO, 2001: 39). Este tipo de deposição poderá estar ligado a um costume anterior à implantação do Cristianismo na região ou a casos de paganismo tardio, verificando-se o mesmo em sepulturas identificadas em Magoito, Sintra. Ali, como em Miroiço, o esqueleto estava virado a poente, sugerindo Élvio de Sousa uma eventual ligação a um culto solar, quando, durante o ocaso, o sol “mergulha” no Atlântico (SOUSA, 2000).

Outro dos aspectos que se verifica neste tipo de sepultura é a característica de serem colectivas, possivelmente familiares, reutilizadas por gerações sucessivas e, mais raramente, individuais, o que não mudou com a administração visigoda, a exemplo do que sucedeu noutros pontos do antigo Império Romano, como já notara Gisèla Ripolli Lopez (1986b). Podem localizar-se mais ou menos próximas do centro da *villa*, junto a antigas vias. Esporadicamente, observam-se sepulturas isoladas na área de antigas habitações entretanto abandonadas, como foram os casos identificados nas *villae* de Vilares, Caparide e Casal do Clérigo.

Uma das conclusões que tiramos é a prolongada ocupação das

villae estudadas, para além do período romano, quiçá mesmo até à época muçulmana, a exemplo do que sucedeu nas necrópoles de Freiria, Clérigo, Caparide e Zabrizes.

Para além das mudanças relacionáveis com alterações nas crenças religiosas a respeito da morte, acreditamos hoje que a existência deste tipo de sepultura possa estar ligada a uma possível escassez de madeira em determinada época, durante o período romano. A solução foi a utilização da pedra, normalmente abundante ou, na ausência desta, a telha, o tijolo e mesmo ânforas.

A aculturação sofrida pelos povos da região peninsular foi de tal modo forte, que este costume de construção de sepulturas familiares, reutilizadas por gerações sucessivas, em covachos simples ou delimitados por ortóstatos, continuou a ser utilizado até aos finais do século XVI mas, após a Reconquista e no caso da região de Lisboa, já integradas em campos santos junto a templos cristãos, apenas tendo sido abandonadas após o Concílio de Trento, que proibiu esta, entre muitas outras antigas tradições.

Também o costume de juntar uma moeda para o pagamento a Caronte, introduzido no período romano, era praticado, mas sem relevância maior. Diga-se, de passagem, que foi um costume que perdurou na região e do qual temos exemplos bem mais recentes, identificados em sepulturas dos séculos XV e XVI, escavadas no adro da igreja matriz de Alcabideche (CARDOSO, 2005), de Arruda dos Vinhos, em 2012 (ANTUNES FERREIRA, CARDOSO e SANTOS, 2013), e de que temos conhecimento de ter subsistido até aos finais do século XX, no concelho de Cascais.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1974a) – «Cerâmica comum local e regional de Conimbriga», *Biblos*, 8, Coimbra.
- ALARCÃO, Jorge de (1974b) – A necrópole de Monte Farrobo (Aljustrel), *Conimbriga*, XIII, Coimbra, pp. 5-32.
- ANTUNES FERREIRA, Nathalie (1999) – *Relatório da escavação antropológica das sepulturas paleo-cristãs de Miroiço (Manique) – 1999*. Texto policopiado.
- ANTUNES FERREIRA, Nathalie, CARDOSO, Guilherme, e SANTOS, Filipa (2013) – A necrópole medieval/moderna de Arruda dos Vinhos, *Arqueologia em Portugal – 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 111-117.

- ARANEGUI, Carmen, JODIN, André, LLOBREGAT, Enrique A., ROUILLARD, Pierre, e UROZ, José (1982) – Fouilles du site ibérique de Cabezo Lucero (Guardamardel Segura, Alicante). Deuxième campagne – 1981, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, Tomo XVIII/1, Paris, pp. 427-436.
- AREZES, Andreia (2015), *Ocupação «Germânica» na Alta Idade Média em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- BARRERA ANTON, José Luis de la (1995) – Un conjunto de enterramientos paleocristianos en la necrópolis de Santa Eulalia (Mérida), *Revista de Estudios Extremeños*, Tomo LI, nº III, Badajoz, pp. 609-626.
- BARROCA, Mário Jorge (1987) – Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Século V a XV). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.
- BELTRÁN LLORIS, Miguel (1991) – Caesaraugusta, in ORDOÑEZ FERNÁNDEZ, Rafael (ed.) *Las Necrópolis de Zaragoza*, *Cuadernos de Zaragoza*, 63, Zaragoza, pp. 19-46.
- BURCH, J., GARCIA, G., NOLLA, J. M., PALAHÍ, L., SAGRERA, J., SUREDA, M., VIVÓ, D., e MIQUEL, I. (2006) – *Excavacions arqueològiques a la muntanya de Sant Julià de Ramis. 2. El Castellum*, Sant Julià de Ramis: Ajuntament de Sant Julià de Ramis i Institut del Patrimoni Cultural, Girona.
- CARDOSO, Guilherme (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*, Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, Guilherme (2002) – *Aspectos da Romanização do Ager Olisiponensis*, Trabajo de investigación de Tercer Ciclo, Departamento de Historia, Área de Arqueología, Universidad de Extremadura. Texto policopiado.
- CARDOSO, Guilherme (2006) – Estelas do concelho de Cascais, Actas do VIII Congreso Internacional de Estelas Funerárias, *O Arqueólogo Português, Suplemento*, 3, Lisboa, pp. 571-595.
- CARDOSO, Guilherme (2016) – *Estudio arqueológico de la “villa” romana de Freiria*. Tesisdoctoral, Universidad de Extremadura. Departamento de Historia, 2016, Cáceres. <http://dehesa.unex.es/xmlui/handle/10662/3881>
- CARDOSO, Guilherme, e CARDOSO, João Luís (1995) – A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Estudo preliminar, *Actas da IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, SHA Monografias, IV, Barcelona, pp. 407-414.
- CARDOSO, João Luís, CARDOSO, Guilherme, e GUERRA, M. F. () – A necrópole tardo-romana e medieval de Talaíde (Cascais). Caracterização e integração cultural. Análises não destrutivas do espólio metálico, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 5, Oeiras, pp. 315-339.
- CARDOSO, Guilherme, e ENCARNANÇA, José d' (1999) – Sondagens arqueológicas de emergência em Miroiço, *Al-madan*, II série, n.º 8, Almada.
- CARDOSO, Guilherme, e ENCARNANÇA, José d' (2005) – *A Presença Romana em Cascais. Um Território da Lusitânia Ocidental*. Catálogo da exposição, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

- CARDOSO, Guilherme, MIRANDA, Jorge, e TEIXEIRA, Carlos A. (2009) – *Registo fotográfico de Alcabideche e alguns apontamentos histórico-administrativos*. Junta de Freguesia de Alcabideche, Alcabideche.
- CASAS, Josep, e NOLLA, Josep M. (2011): – Instrumental de hierro de época romana y de la Antigüedad Tardía en el N. E. de la Península Ibérica, *Bar International*, Series 2217, Oxford.
- CASTELO BRANCO, D. António, e FERREIRA, O. da Veiga (1971) – Novos trabalhos na estação lusitano-romana da Areia (Guincho), *Boletim do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães*, nº 2, Cascais, pp. 69-83.
- CERRILLO, Enrique Martín de Cáceres (1983) – *La basilica de época visigoda de Ibañerando*, Cáceres.
- CUNHA, Mélanie (2008) – As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz). Do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia, in *O Arqueólogo Português*, Suplemento, 4, Lisboa.
- CUNHA, Padre Arlindo Ribeiro da (1963) – Toponímia tumular, *O Distrito de Braga*, vol. II, Braga, pp. 171-189.
- DAREMBERG, Mm. Ch., et SAGLIO, Edm., (dir.) (1887) – *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, vol. 12, 1.º tomo, Paris.
- DIAS, Vanessa (2013) – A ocupação tardo-romana da Quinta da Torrinhã, Almada», *Al-madan*, II série, n.º 18, Almada, pp. 63-74.
- DOHIJO, Eusebio (2014) – *Catálogo y estudio de los materiales de época visigoda depositados en el Museo Numantino*, Libros Pórtico, Zaragoza.
- ENCARNAÇÃO, Gisela, e DIAS, Vanessa (2015) – A necrópole do Baixo Império, *Catálogo da Exposição temporária: Moinho do Castelinho. Um Sítio a descobrir. 16 de Maio de 2015 a 8 de Maio de 2016*, Museu Municipal de Arqueologia, Amadora.
- ENCARNAÇÃO, Gisela, e DUARTE, Cidália (2000) – A Necrópole Paleocristã do casal de São Brás, *Relatórios*, 5, ARQA Associação de Arqueologia da Amadora, Amadora.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2001) – *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, 2.ª edição, Câmara Municipal de Cascais.
- ENCARNAÇÃO, José d' (2012) – Fragmento de epígrafe romana de Miroiço (Alcabideche, Cascais) (*Conventus Scallabitanus*), *Ficheiro Epigráfico*, 113, inscrição nº 488.
- FIGUEIREDO, Dr. José do Amaral, e PAÇO, Cap. Afonso do (1949) – Vestígios Romanos dos Casais Velhos (Areia - Cascais - Portugal), separata do *I Congresso de Arqueologia e V Congresso Arqueológico del Sudeste Espanhol*, Junta de Turismo de Cascais, Cascais, 1949.
- GIL ZUBILLAGA, Luis (1998) – Broches de Cinturón Visigodos en Álava, *Arqueología, Paleontología y Etnografía*, 4, (Ejemplar dedicado a: Jornadas Internacionales “Los visigodos y su mundo”. Ateneo de Madrid. Noviembre de 1990), Madrid, pp. 397-407.
- GONZÁLEZ VILLAESCUSA, Ricardo (2001) – *El mundo funerario romano en el País Valenciano. Monumentos funerarios y sepulturas entre los siglos I a. C. – VII d. C.*,

- Casa Velázquez, Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil-Alberto», Madrid-Alicante.
- HASELOFF, Günther, HÜBENER, Wolfgang, JUNGHANS, Siegfried, OPITZ, Stephan, e URBON, Benno (s/d), *Katalog das Frühe Mittelalter Schwaben und Franken Zusammenstellung der Texte zur Ausstellung*, Veranttembergisches Landesmuseum Stuttgart, Stuttgart.
- NETO, Nuno, REBELO, Paulo, e SANTOS, Raquel (2011) – Intervenção arqueológica no Alto do Cidreira: um exemplo de interacção Arqueologia/Autarquia/Promotores», in ALMEIDA, Maria José de, e CARVALHO, António (eds.), *Actas do Encontro Arqueologia e Autarquias*, Cascais, pp. 111-119.
- NOLEN, Jeannette U. Smit (1985) – *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Fundação da Casa de Bragança, Lisboa.
- OLIVEIRA, Francisco de Paula e (1888/92) – Antiquités Préhistoriques et Romaines des Environs de Cascaes, *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, tomo II, fascículo I, Lisboa, pp. 85-105.
- PAÇO, Afonso do (1960) – «Vestígios da influência germânica no concelho de Cascais», *Comunicações do I Colóquio Bracarense de Estudos Suévico-Bizantinos*, Braga, de 7 a 9 de Junho de 1957, Braga, pp. 30-40.
- PINTO, Inês Vaz (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*, Coleção Teses, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, pp. 229 e 230.
- PIRES, António Tomás (1908) – Usos e costumes minhotos», *Revista Lusitana*, vol. X, Lisboa, pp. 326-327.
- RAMALHO, M. M., REY, J., ZBYSEWSKI, G., ALVES, C. A. Matos, ALMEIDA, F. Moitinho de, COSTA, C., e KULLBERG, M. Carla (1981) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000 Notícia explicativa da folha 34-C Cascais*. Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- RIPOLLI LOPEZ, Gisèla (1986a) – *La ocupación visigoda en la época romana a través de sus necrópolis*, Barcelona, 1986a, Tesis doctoral. Texto policopiado.
- RIPOLLI LOPEZ, Gisèla (1986b) – Tombes et Néropoles», *Dossiers Histoire et Archéologie*, n° 108, Dijon, pp. 56 e 57.
- RIPOLLI LOPEZ, Gisèla (1989a) – Características generales del poblamiento y la arqueología funeraria visigoda de Hispania, *Espacio, Tiempo y Forma*, S. I. Prehistoria y Arqueología, Tomo 2, pp. 389-418.
- RIPOLLI LOPEZ, Gisèla (1989b) – Acerca de «Los visigodos en Alcalá de Henares», *Espacio, Tiempo y Forma*, S. I. Prehistoria y Arqueología, Tomo 2, pp. 453-471.
- ROCHA, Patrício Gonçalves (1968) – Os mortórios, *O Distrito de Braga*, Vol. IV, Braga, pp. 65-77.
- SILVA, Ana Leonor (2003) *Necrópole da Villa Romana de Miroiço, Relatório do Estudo Antropológico*. Instituto Ambiente e Vida / Departamento de Antropologia Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra. (Policopiado)
- SALIN, Édouard (1946) – *Manuel des Fouilles Archéologiques I – Les fouilles de sépultures du V^e au VIII^e siècles*, Presses Universitaires de France, Paris.

- SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M.^a Ángeles (1992) – Cerámica común romana de Mérida (Estudo preliminar), *Serries de Arqueología Extremeña*, n.º 3, Cáceres.
- SOUSA, Élvio Melim de (2000) – Sepulturas romanas de inumação do lugar de Magoito (São João das Lampas, Sintra), *Homenagem a Mário Gomes Marques*, Instituto de Sintra, Sintra, pp. 381-397.
- SUEIRO, M. B. B., e FERNANDES, A. M. (1933) – O índice Cnémico nas tíbias humanas das estações romanas de Alcoutão e Fonte do Padre Pedro, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XIX, Lisboa, pp. 223-232.
- VIEGAS, João Rosa, NOLEN, Jeannette U. Smit, e DIAS, Maria Luísa Ferrer (1981) – A necrópole de Santo André, *Conimbriga*, XX, Coimbra, pp. 5-180.
- ZEISS, H. (1934) – *Die grabfunde aus dem spanischen Westgotenreich*, Berlin-Leipzig.

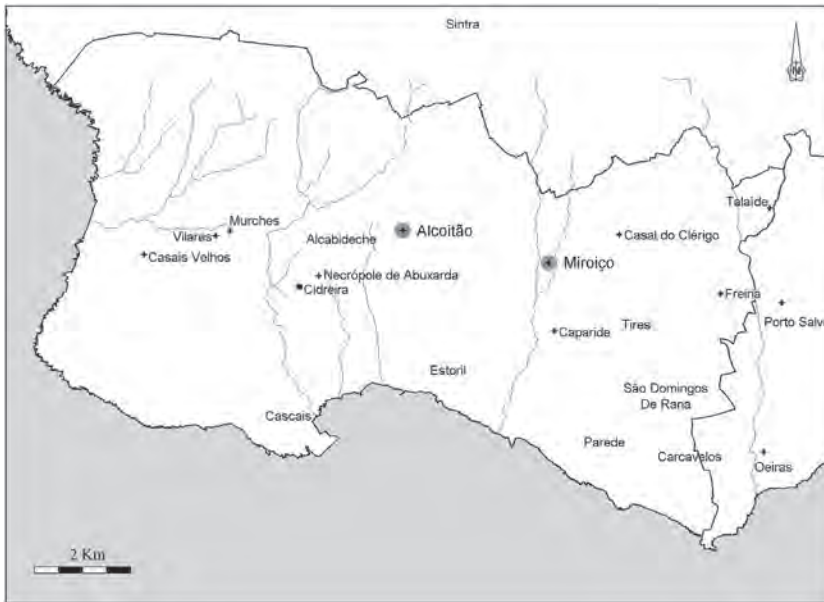


FIG. 1 – *Necrópoles tardias de Cascais, com especial relevo para as necrópoles de Miroiço e Alcoitão.*

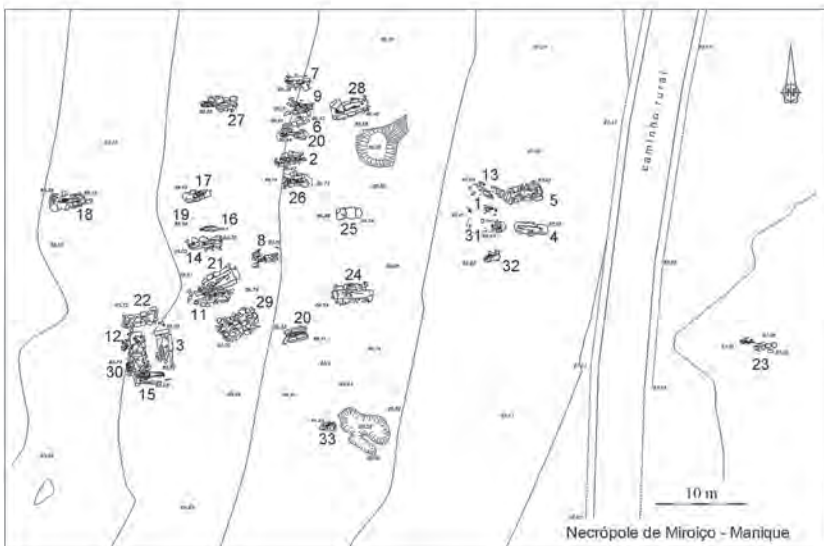


FIG. 2 – *Planta da necrópole de Miroiço, Manique de Baixo.*

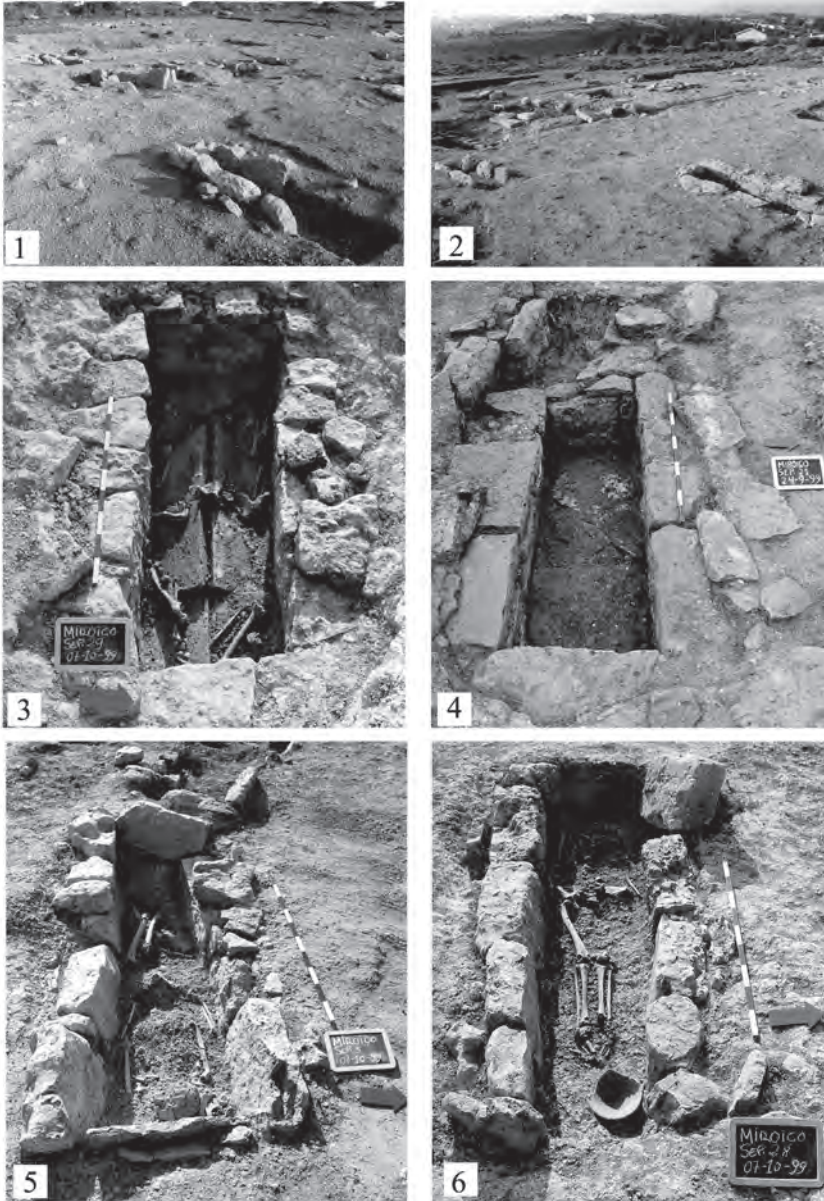


FIG. 3 – 1 e 2, vistas da necrópole de Miroiço após a escavação; 3, sepultura 29; 4, sepultura 21; 5, sepultura 5; 6, sepultura 28.



FIG. 4 – Miroiço, planta da sepultura 1.



FIG. 5 – Miroiço, planta da sepultura 2.

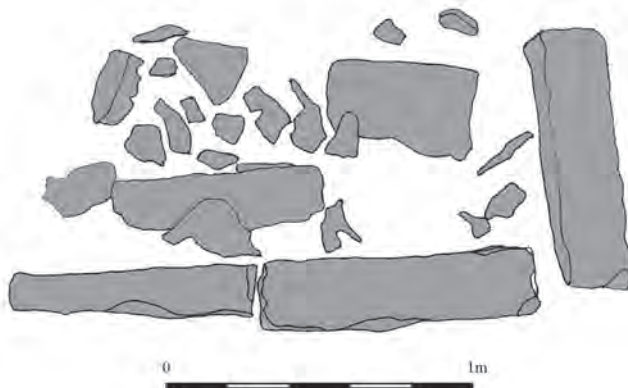


FIG. 6 – Miroiço, planta da sepultura 3.



FIG. 7 – Miroiço, planta da sepultura 4.

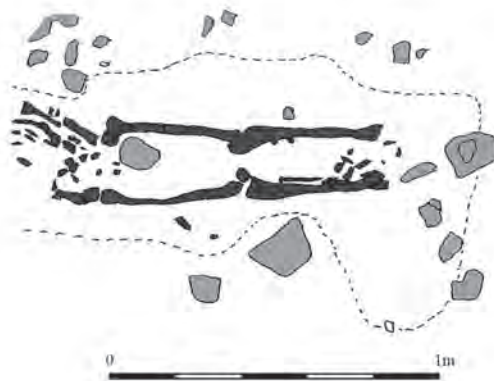


FIG. 8 – Miroiço, planta da sepultura 7.

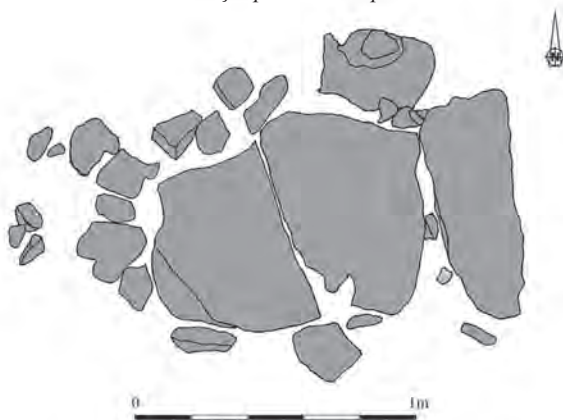


FIG. 9 – Miroiço, planta da cobertura da sepultura 11.

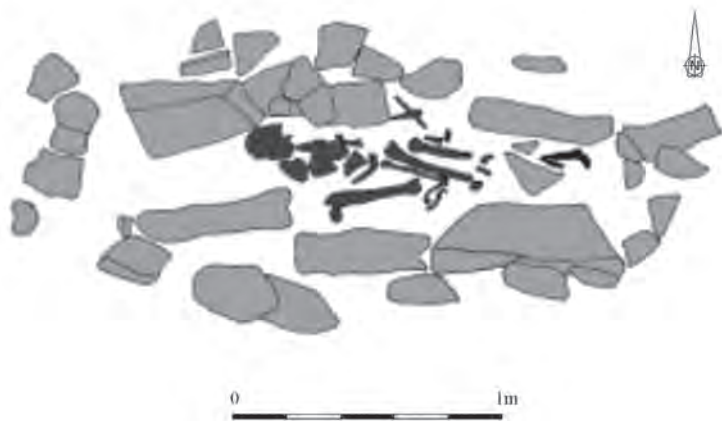


FIG. 10 – Miroiço, planta da sepultura 11.

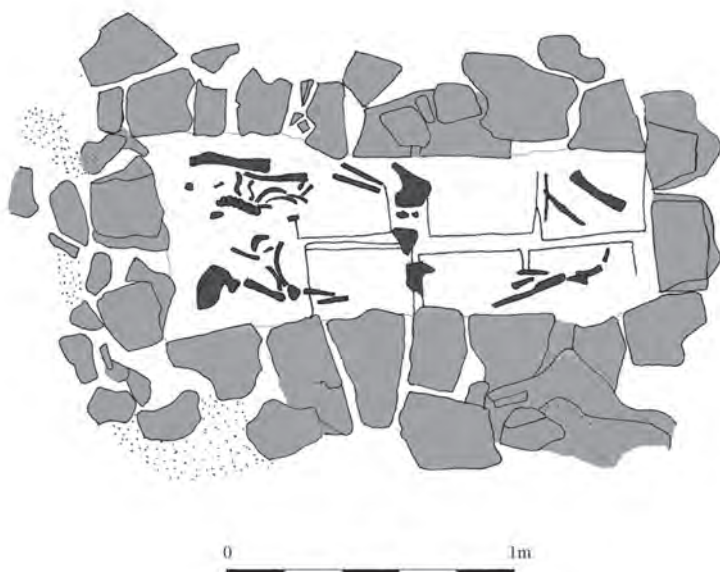


FIG. 11 – Miroiço, planta da sepultura 29.



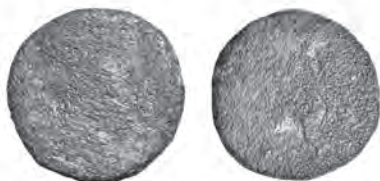
1



2



3



4

*FIG. 12 – Moedas da necrópole de Miroiço:
1, sepultura 4; 2, sepultura 5; 3, sepultura 22; 4, sepultura 33.*

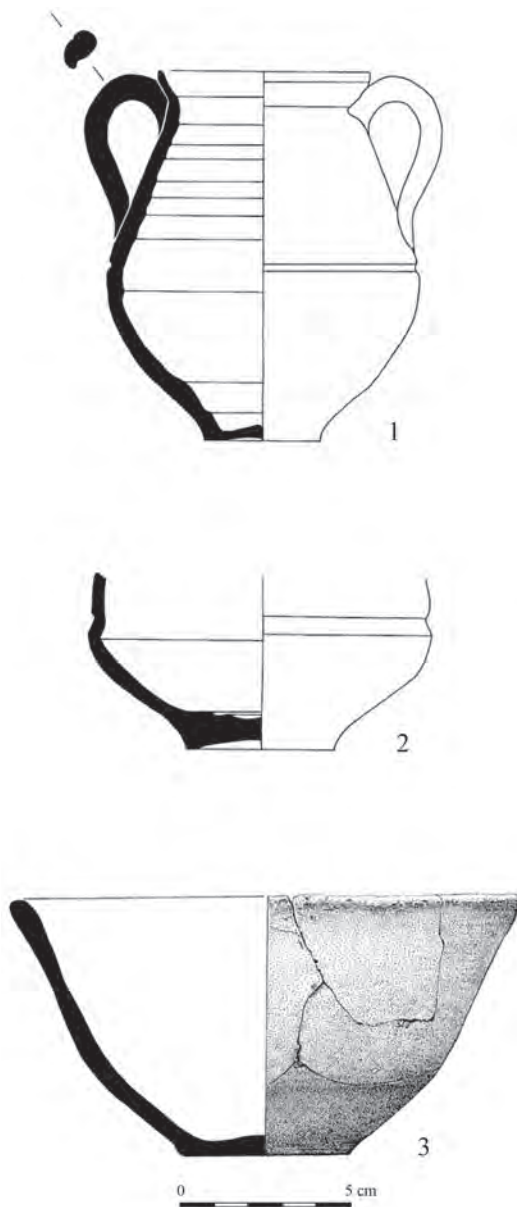


FIG. 13 – Cerâmicas da necrópole de Miroiço: 1 e 2, sepultura 33, púcaros; 3, sepultura 28, tigela que se encontrava junto aos pés.

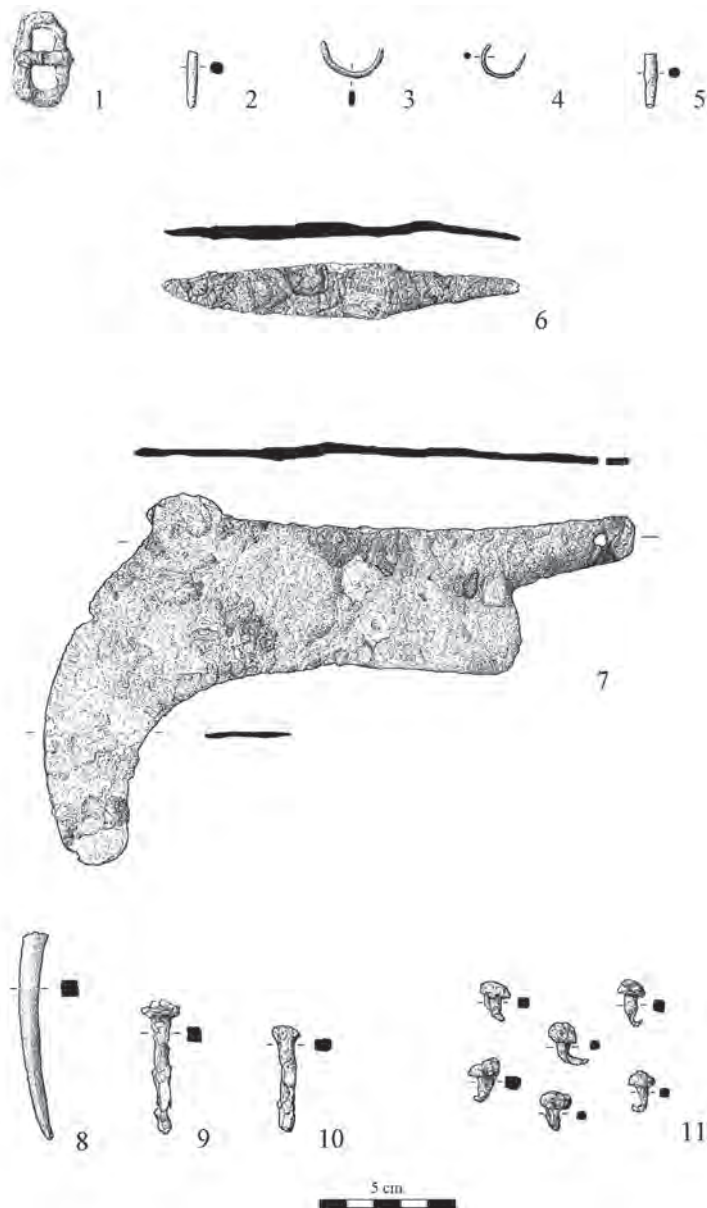


FIG. 14 – *Objectos da necrópole de Miroiço: 1, fivela de ferro, sepultura 9; 2, haste de liga de cobre, sepultura indeterminada; 3, fragmento de brinco de liga de cobre, sepultura 25; 4, fragmento de brinco de liga de cobre, sepultura 9; 5, fragmentos de alfinete de osso, sepultura 29; 6, faca de ferro, sepultura 11; 7, podão de ferro, sepultura 11; 8, prego de bronze sem cabeça, sepultura 23; 9, cavilha de ferro, sepultura 33; 10, prego de ferro, sepultura 18; 11, cardas de ferro, de sandália, sepultura 1.*

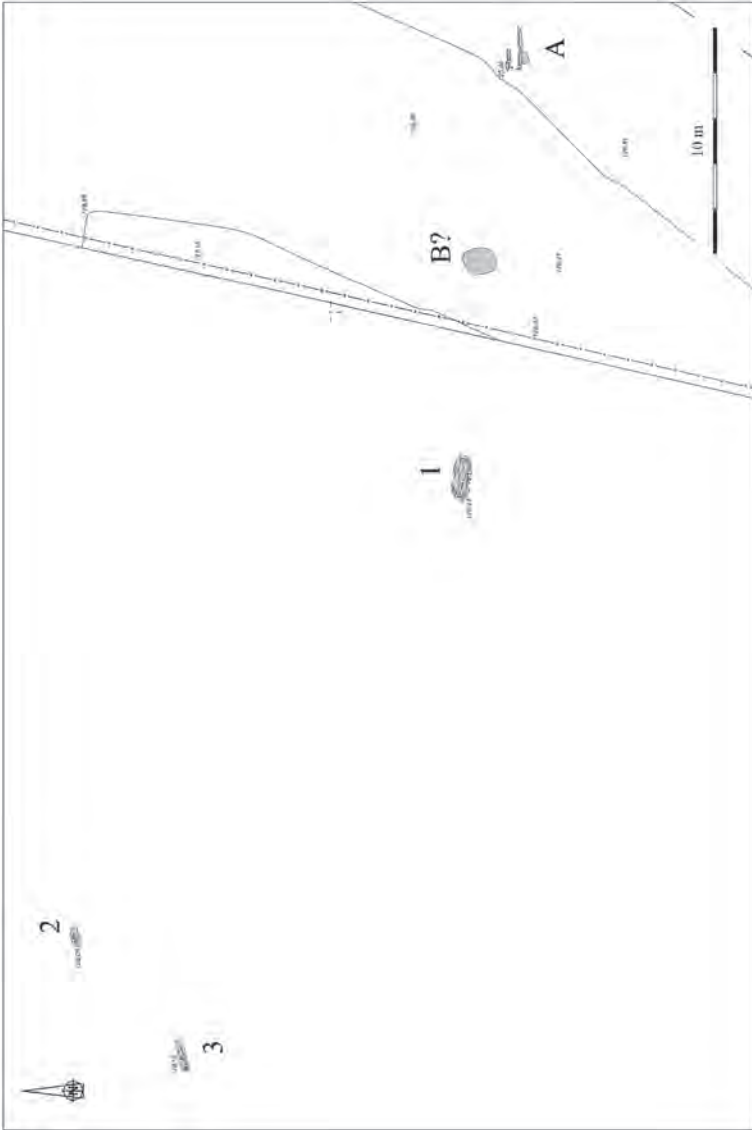


FIG. 15 – Planta da escavação da necrópole de Alcoitão, em 1999.



FIG. 16 – Alcoitão. 1e 2, sepultura 1; 3, sepultura 3.

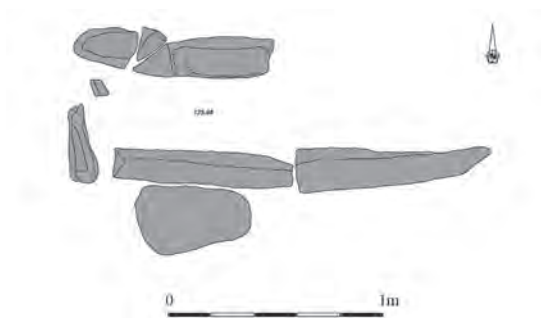


FIG. 17 – Alcoitão, planta da sepultura A.

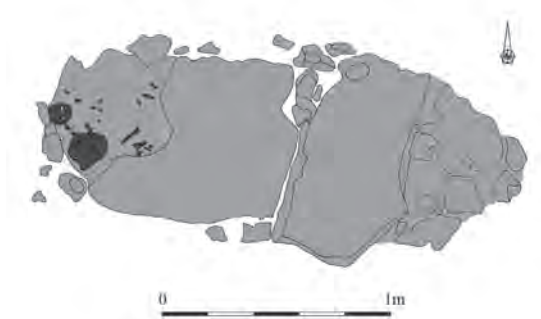


FIG. 18 – Alcoitão, planta da cobertura da sepultura 1.

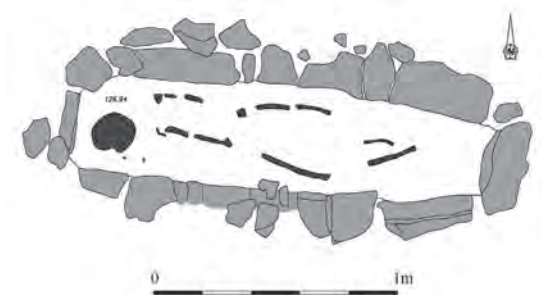


Figura19 – Alcoitão, planta da sepultura 1.



FIG. 20 – Objectos recolhidos por Paula e Oliveira na necrópole de Alcoitão, no século XIX: 1 e 2, anéis; 3-5, brincos; 6 e 7, bilha.

	Miroiço 33 Sepulturas	Alcoitão 35 Sepulturas	Talaide 29 Sepulturas	Murches 6 Sepulturas	Abuxarda +6 Sepulturas	Casais Velhos +6 Sepulturas	Vilares 3 Sepulturas
Brincos	2	3	8		8	3	
Anéis		2	7		11		
Fivelas	1		5		7		
Alfinete	2						
Bilhas		2				1	
Taças	1					1	1
Podão/ foice	1		1				
Cardas	16						
Punhais			2				
Lanças						2	
Appliques			2			1	
Moedas	4		3				2
Braceletes			2		1	1	1
Facas	1						
Pregos	3		2				
Lucernas						1	1
Púcaros	2						3
Copa							1
Pratos						1	
Contas de âmbar			21		5		
Contas de Vidro			5		24		1
Espadas					1		
Argolas			3		2		
Cabos de marfim						1	
Agulhas						1	
Jarros				1		1	
Tacha			1				

TABELA I – Necrópoles com números totais de sepulturas e de objectos específicos encontrados. Por se encontrarem inéditas, não se introduziram dados das necrópoles de Freiria, Caparide, Casal do Clérigo e Alto do Cidreira.